



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA

EDILENE ALBUQUERQUE ARANHA

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E PENSAMENTO DA
CRIANÇA NA VISÃO DE PIAGET E VYGOTSKY

JOÃO PESSOA

2016

EDILENE ALBUQUERQUE ARANHA

**O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E PENSAMENTO DA
CRIANÇA NA VISÃO DE PIAGET E VYGOTSKY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof.Dr. Israel Soares de Sousa

JOÃO PESSOA

2016

A662d Aranha, Edilene Albuquerque.

O desenvolvimento da linguagem e pensamento da criança na visão de Piaget e Vygotsky / Edilene Albuquerque Aranha.– João Pessoa: UFPB, 2016.

32f.

Orientador: Israel Soares de Sousa

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia – modalidade à distância) – UFPB/CE

1. Desenvolvimento humano. 2. Linguagem. 3. Aprendizagem. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 159.922(043.2)

O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM E PENSAMENTO DA CRIANÇA NA VISÃO DE PIAGET E VYGOTSKY

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 23/11/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dr. Israel Soares de Sousa

Prof. Orientador

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Profa. Andrezza Raquel Cirne Bezerra

Prof. Convidado

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Profa. Karla Lucena de Souza

Prof. Convidado

Universidade Federal da Paraíba - UFPB

A meus filhos Rossandrinho e
Raphael, meu esposo Rossandro minhas
fortalezas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela oportunidade de realizar o meu sonho do curso superior. A meus filhos Rossandro Filho e Raphael por enumeras vezes me ajudar nas dúvidas que surgiam nas atividades e por torcerem por mim nesse momento. Ao meu esposo Rossandro pelo apoio, mostrando sempre que eu sou capaz. A minha mãe Margarida, por acreditar e demonstrar todo orgulho por mim. A Nossa Senhora, que em muitas vezes nos desespero recorri a Vós, e me atendeste como Mãe copiosa.

À professora Idel (Idelsuite) pela grandeza de suas atitudes, você demonstrou que pode ser presente mesmo estando longe, muito atenciosa, mesmo com tantos alunos solicitado seu trabalho, nos tratou como únicos. Um exemplo merecido de reconhecimento, principalmente nesse curso onde muitos professores nos trataram com indiferença.

Ao meu orientador professor Dr. Israel, por ser tão atencioso ao longo do trabalho, em cada momento que necessitei de sua ajuda, se fez presente, tirando minhas dúvidas e me guiando.

Como não lembrar de figuras tão queridas do Polo de Cabaceiras: Ielba, Iris, Ismara, que no início do meu curso se tornaram meu porto seguro.

“Ter fé é assinar uma folha em branco e deixar que Deus escreva nela o que quiser”.

Santo Agostinho

RESUMO

As fases de desenvolvimento da infância são algo que desperta interesse nos seres humanos. O observar do comportamento de uma criança é algo natural do ser humano, bem como fazer comparações entre elas. Durante muito tempo a linguagem foi confundida com a inteligência, pois é ela que diferenciaria o ser racional do irracional. É a linguagem que expressa e organiza o pensamento. Essas informações me levaram ao seguinte questionamento: à luz dos principais teóricos do processo de desenvolvimento das crias, como acontece a construção do pensamento e da linguagem infantil? Como o professor pode aproveitar esse desenvolvimento no processo de ensino/aprendizagem? Como objetivo geral buscou-se analisar as principais ideias de Vygotsky e Piaget relacionadas a esse tema. A pesquisa se caracteriza de caráter bibliográfico, a partir de análise de obras de teóricos como Piaget e Vygotsky, que tratam da abordagem pedagógica com relação ao desenvolvimento da linguagem e pensamento do indivíduo. Para Piaget o que possibilita o desenvolvimento mental do ser humano é a estrutura biológica, portanto, para que o pensamento se desenvolva é necessário uma base genética, amadurecimento do organismo, vivência social e equilíbrio entre o organismo e o meio. Para Vygotsky, o desenvolvimento da criança tem seu nível real e o potencial: o nível real, ela executa a tarefa sem necessitar de ajuda; o nível potencial é a capacidade de a criança desenvolver certa atividade com o auxílio de outra pessoa. Entre esses dois níveis existem um espaço essa observação fez Vygotsky criar a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), onde analisa a capacidade da criança no seu desenvolvimento real em alcançar seu potencial. O interesse de conhecer o ser humano era algo em comum entre esses dois teóricos. Eles buscavam explicar de que forma ocorre o desenvolvimento e a aprendizagem. Vygotsky tem ideia completamente diferente de Piaget em relação a assimilação da realidade. No entanto eles concordam que o desenvolvimento é uma necessidade da criança. Piaget defende que o desenvolvimento da criança tem o fator genético como base, enquanto Vygotsky justifica que a criança tem seu desenvolvimento a partir do meio social.

Palavras-chave: Desenvolvimento, Linguagem, Pensamento, aprendizagem.

ABSTRACT

The steps of development of the childhood arouse interest in the human being. Seeing the behavior of children is a natural thing for humans, also as making comparisons between them and another children. During a long period the development of speech was seen as smartness, as it differentiates a racional from an irracional being. The language can express and organize thoughts. These informations guided me to the following question: in face of the main scholars about the development of thinking in children, how does the building of thoughts and childhood language occur? Also, how the teachers can use this development in the process of learning? As the main target we tried to analyze the ideas of Vygotsky and Piaget related to that question. The research has bibliographic feature, starting with the analysis of Piaget's and Vygotsky's works, that talk about the pedagogical approach of the development of language and the individual thoughts. To Piaget, what makes the mental development of the human being possible is the biological structure, so, to make the thoughts is necessary a genetic basement, a maturation of the organism, social experiences and the balance between the organism and the enviroment. To Vygotsky, the development of a child has a real level and a potencial level: in real level, it does the task without needing any help; the potencial level is the capacity of the child to develop certain activity with the support of another person. Between these two levels there is a gap. This observation made Vygotsky create the theory of the Personal Development Zone (PDZ), where analyses the children's capacity of real development to reach their potential. The interest of knowing the human being was a common area between these two scholars. They tried to explain the way that occur the development and the learning. Vygotsky has a completely different idea from Piaget about the assimilation of reality. However, they agree that maturation is a kids' necessity. Piaget argues that the development of the children has a genetic factor as a basement, while Vygotsky says that the children have their development based in their social enviroment.

Keywords: Development, Language, Thinking, Learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA VISÃO DE PIAGET.....	11
1.1 TEORIA DA EQUILIBRAÇÃO.....	15
1.2 A INTELIGÊNCIA E O CONSTRUTIVISMO.....	17
2. VYGOTSKY, SUAS BASES TEÓRICAS ACERCA DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	21
2.1 APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO.....	22
2.2 A TEORIA DA ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL.....	23
2.3 ESTÁGIO DO DESENVOLVIMENTO.....	25
3. APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE PIAGET E VYGOTSKY	27
3.1 PIAGET E VYGOTSKY E SUAS CONTRIBUIÇÕES À ESCOLA.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

O acompanhamento das fases de aprendizagem de uma criança é algo que instiga professores e pesquisadores na busca da compreensão do desenvolvimento de cada uma delas. Não existe uma única classe de pessoas específicas com esse desejo de compreensão, digamos que o único “pré-requisito” seja ter contato com uma criança, vivenciar o crescimento e desenvolvimento. Todavia, um acompanhamento mais sistemático é realizado por profissionais específicos.

Os estudos nesse campo partem da observação de diálogos entre pessoas especialistas da área. Uma das primeiras situações encontradas é a comparação entre crianças com a mesma idade cronológica. Também existe comparação entre comportamentos de irmãos biológicos, como cada um se comportava e em que momento aprendeu isso ou aquilo. No entanto, esse olhar para o desenvolvimento da criança tem uma trajetória longa, passando pelo tempo em que infância não era reconhecida como uma fase do desenvolvimento do ser humano.

Na Antiguidade e na Idade Média a infância era vista como mal a ser superado e a criança tratada como “adulto em miniatura”, um ser impotente e incompleto. Assim, “até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido”. Ariès (1981), por exemplo, nos mostra como o conceito de criança tem evoluído através dos séculos e oscilado entre povos.

Nessa trajetória histórica, a criança era considerada um *bibelot* ou “bichinho de estimação”, também como um “adulto em miniatura”, sujeita a encargos e a abusos como: negligência, trabalho precoce e exploração sexual. A criança era tida como uma espécie de instrumento de manipulação ideológica dos adultos e, a partir do momento em que elas apresentavam independência física, era logo inserida no mundo adulto.

No final do século XVI e durante o século XVII, na idade moderna, começou a surgir sentimento de infância e a preocupação com a participação das crianças no meio social. Começaram a partir daí enxergar a criança como um ser sociável, sua condição econômica e social passou a mudar, bem como suas vestimentas. A educação passou a ser motivo de preocupação, precisava oferecer uma educação de qualidade, e isso afetava a divisão de classes sociais. As crianças da burguesia tinha acesso diferenciado do filho do proletariado, surgindo uma separação de classes econômicas e sociais.

Cada momento histórico e social nos traz uma concepção de criança, infância, educação, desenvolvimento e aprendizagem. É neste sentido, que Ariès (1981) é incisivo ao afirmar que a ideia de infância surgiu no contexto histórico e social da modernidade, graças ao avanço da ciência, a mudanças econômicas e sociais.

A infância é o período da vida do ser humano no qual ocorrem as mais significativas aprendizagens, a cognição acontece desde os primeiros anos de vida, a partir do momento em que nos vamos aprendendo as coisas. O desenvolvimento da fala é talvez o mais marcante, no qual a criança despeja novidades diárias como que vindas aleatoriamente. Sendo assim, podemos compreender que a linguagem é uma função e um aprendizado que a criança deve assimilar, são adquiridos progressivamente pelo contato com o meio, lembrando de que essa aquisição ocorre durante toda a infância.

Durante muito tempo, a linguagem foi confundida com a inteligência. O motivo era a observação de diferenças entre um ser racional e outro irracional, já que a classificação de um animal racional se dava em grande parte a sua capacidade de falar, se comunicar, e, ao falar, refletir sobre a vida e o mundo. A linguagem tanto expressa o pensamento da criança, quanto age como organizadora desse pensamento.

Na fase de formação da criança, atravessa algumas etapas do desenvolvimento, o período pré-linguístico do pensamento e um período pré-intelectual a fala: o pensamento e a palavra não se encontram relacionados por uma relação primária. No decorrer do tempo da evolução do pensamento e da linguagem ocorre uma ligação entre ambas que permitindo que se modifiquem e desenvolvam.

Não é de hoje que buscamos respostas para essa questão. Na Grécia antiga, grandes filósofos como Platão e Aristóteles já exploravam esse questionamento, e como nos dias de hoje, não havia um consenso sobre esse tema. Suas teorias deram origem a uma parte da Filosofia que estuda a linguagem. Para a Filosofia, o pensamento é uma entidade atemporal, não espacial, invariável e distinta da ação de pensar. O ato de pensar, por sua vez, é uma ação psíquica, seu conteúdo ou intencionalidade diz respeito ao pensamento e si.

O interesse em desenvolver esse trabalho de pesquisa bibliográfica justifica-se por compreender que o desenvolvimento da linguagem e do pensamento da criança está diretamente ligado ao resultado obtido na aprendizagem e que possuem características e necessidades diferenciadas, pois estão em um constante momento de desenvolvimento psicológico, físico, intelectual e social.

De acordo com as informações anteriormente discutidas questiona-se: como ocorre o desenvolvimento do Pensamento e da linguagem infantil. Perante de tais considerações definimos a seguinte questão de pesquisa: à luz dos principais teóricos do processo de desenvolvimento das crianças, como acontece a construção do Pensamento e da Linguagem Infantil? Como o professor pode aproveitar esse desenvolvimento no processo ensino aprendizagem?

Diante a questão de pesquisa, nosso objetivo geral é analisar as principais ideias de Vygotsky e Piaget em relação ao processo de desenvolvimento das crianças a partir da construção da linguagem e do pensamento. Para tanto, buscamos apresentar conceitos e concepções acerca de desenvolvimento cognitivo relacionado ao pensamento e a linguagem. Segundo os teóricos Piaget e Vygotsky, o desenvolvimento ocorre por fases.

Assim, nossos objetivos específicos são: discutir as principais ideias de Piaget em relação ao desenvolvimento das crianças, destacando o conceito de equilíbrio e investigar as concepções de Vygotsky, destacando principalmente o conceito de zona de desenvolvimento proximal.

Para Piaget o desenvolvimento da criança é biológico, enquanto Vygotsky entende que o conhecimento caminha do social para o individual, pois a criança nasce em um mundo social. Sabendo que entre ambos existem semelhanças de pensamento, mas também diferenças, enfatizando que, do ponto de vista temporal, é Vygotsky quem faz críticas e contribuições ao trabalho de Piaget.

Realizamos uma pesquisa de caráter bibliográfico, uma vez que pretendemos analisar nosso fenômeno a partir das contribuições de pesquisadores que já tem respaldo no mundo acadêmico, além de acreditarmos que, por mais que essa temática já tenha sido bem debatida, ela ainda não se esgotou, o que abre a possibilidade de apresentarmos nossa visão sobre essa questão.

Para organização da presente monografia, dividimos o trabalho da seguinte maneira: o primeiro capítulo, que trata o desenvolvimento da criança na visão de Piaget, os fatores necessários para esse desenvolvimento, a teoria da Equilíbrio, a inteligência e o construtivismo. Sabemos que, para Piaget, o crescimento intelectual é dado por meio de uma sequência de estágios. Cada um desses estágios é caracterizado por uma estrutura cognitiva específica.

No segundo capítulo, buscamos compreender o desenvolvimento da criança pelo viés do pensamento de Vygotsky a partir de suas bases teóricas: aprendizagem e desenvolvimento, a teoria da Zona de desenvolvimento proximal e os Estágios do desenvolvimento.

Esse trabalho de maneira alguma irá encerrar a discussão do tema, mas de suscitar a curiosidade e o interesse de educadores/as e contribuir para que desenvolva melhor, com mais qualidade, o seu trabalho com as crianças no início do seu processo de aprendizagem.

A pesquisa é uma forma de investigação, feita para ampliar o conhecimento, é uma descrição minuciosa e rigorosa do objeto de estudo. Será Apresentado neste capítulo o detalhamento da realização da pesquisa. A metodologia a aplicar será de tipo descritivo, pois permite identificar e compreender as percepções dos principais elementos descritivos do tema.

A pesquisa se caracteriza de caráter bibliográfico, a partir de análise de obras de teóricos como Piaget e Vygotsky, que tratam da abordagem pedagógica com relação ao desenvolvimento da linguagem e pensamento do indivíduo.

De acordo com Manzo (1971:32), a bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não cristalizaram suficientemente” e tem por objetivo consentir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações” (TRUJILLO, 1974:230). Assim, a pesquisa da bibliografia não é apenas uma maneira de repetir o que já foi produzido acerca de um determinado assunto, mas uma maneira de propiciar a análise de um tema usando um novo enfoque ou uma nova abordagem, permitindo chegar a novas conclusões.

Para tanto, a análise do conteúdo, seguirá a proposta empregada por Bardin (2006), uma vez que, a técnica compreende três fases, a saber: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Quanto à natureza esta pesquisa é Bibliográfica, pois buscará sobrepor os conhecimentos teóricos de alguns estudiosos da linguagem e pensamento infantil como Piaget e Vygotsky. As fontes utilizadas nas pesquisadas para o desenvolvimento desse trabalho serão publicações como livros, teses, monografias.

1 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA VISÃO DE PIAGET

Para Piaget, a inteligência verbal ou refletida repousa na inteligência prática ou sensório-motora, que se apoia em hábitos e associações que são adquiridos para se tornarem a combinar. Estas associações pressupõem, por outro lado, o sistema de reflexos cuja relação com a estrutura anatômica e morfológica do organismo é evidente (PIAGET, 1971).

De acordo com Piaget Inteligência verbal está embutida na inteligência prática, essa relação assume um sistema de reações com o corpo do indivíduo. Isto é, a criança busca por em prática o que já está articulando em seu pensamento, é o que chamamos de socialização das ações. É a linguagem que conduz essa socialização, onde a criança expressa em palavras e gestos seu pensamento, com linguagem ela poderá expressar seus sentimentos e desejos.

Segundo Piaget, está implícito que o homem possui uma estrutura biológica que possibilita desenvolvimento o mental. Entretanto, apenas essa condição não assegura o seu desenvolvimento, que só acontecerá a partir da interação do sujeito com o objeto a conhecer, com o meio circundante. Por sua vez, a relação com o objeto, ou seja, com o meio que está envolvido, também não é a única condição suficiente para o desenvolvimento cognitivo humano, pois para que ele aconteça é preciso que existam condições genéticas adequadas, ou seja, um processo de maturação do organismo.

A teoria de Jean Piaget sobre a aquisição de linguagem desenvolve-se na abordagem cognitivista construtivista, Para Piaget, o surgimento da linguagem ocorre por meio as superações do estágio sensório-motor, a depender do desenvolvimento cognitivo da criança. Dessa maneira, é possível unir diversos fatores, como a conquista cognitivista e as inteligências sensorial e motora – desenvolvendo na criança a capacidade de adotar e interpretar simbolicamente, surgindo, portanto, o desenvolvimento linguístico, já que para o autor, a linguagem é entendida como um sistema simbólico de representações Diante dessa aprendizagem de reflexos, a criança consegue desenvolver novas capacidades motoras e cognitivas referentes à assimilação do seu conhecimento sobre o mundo.

O pensamento é, sob este prisma, uma maneira de reconstruir (como representação) a atividade sensório-motora, que transforma estados e objetos. O que ajuda a caracterizar o pensamento não são as operações por si só – as transformações feitas mentalmente – uma vez que realizar transformações é repetir e fazer relações entre os conteúdos mentais.

Nessa fase a criança busca criar sua realidade utilizando para isso sua imaginação. É muito comum vermos crianças quando começam a compreender o que a escola, chegando em

casa começam a brincar de professora, como também se vai ao médico, brincam com suas bonecas exteriorizando o que acabou de vivenciar.

Segundo Piaget, a criança tem seu próprio tempo de assimilação e aprendizagem. Ela desenvolve seu raciocínio lógico mediante seu amadurecimento (o processo de assimilação existe do trabalho ativo do sujeito). No seu contexto social, as crianças não só recebem estímulos, elas decodificam e reelaboram as informações que lhes chegam pelos mais diferentes meios. Nesse sentido, Piaget procura respostas para explicar como ocorrem os processos de aprendizagem a partir da maturação cognitiva da criança.

A partir das observações realizadas, Piaget chegou à conclusão que as crianças são portadoras dos seus próprios meios para conhecer a realidade. Cada uma tem seu ritmo de desenvolvimento, mas nesse contexto podemos incentivar seu aprendizado e não impor um desenvolvimento intelectual forçado. Certa vez li em algum lugar uma frase que remete muito a essa questão: “Não é cortando o rabo do girino que ele se tornará sapo” (autor desconhecido). Ao analisarmos essa frase saberemos que o girino no seu desenvolvimento ele irá perder o rabo, mas isso só acontecerá no seu tempo de maturação, com a infância é mesma coisa, não podemos antecipar a fase de desenvolvimento de uma criança.

O desenvolvimento do pensamento e da linguagem necessita que alguns fatores existam ou aconteçam, são eles: uma base genética; o amadurecimento do organismo que vai passando de uma fase a outra; uma vivência social e, sobretudo, a equilíbrio do organismo ao meio. Portanto, o pensamento é alimentado através de representações, colocando-as lado a lado através de operações que, ao serem equilibradas, passam a apresentar particularidades, como formas reversíveis ou passíveis de mudanças através de seu sistema de adaptação, equilíbrio ou desequilíbrio, em relação ao meio no qual está inserida.

1.1 Teoria da Equilíbrio

Para Piaget, a inteligência não aparece repentinamente como um mecanismo inteiramente montado e completamente diferente de tudo o que havia antes na cognição das crianças, como um insight. Pelo contrário, ela aparece como uma continuidade de processos anteriores, alguns dos quais inatos. Desse modo, para entender a inteligência em si mesma é preciso analisar o surgimento de hábitos e o exercício dos reflexos, manifestados no cotidiano das crianças.

Logo após o nascimento, a criança já possui uma série de comportamentos que são caros à sua própria sobrevivência. Estes são instintivos e auxiliam, entre outras coisas, na manutenção de sua postura, ou na sua alimentação, enfim alguns comportamentos essenciais ao início da adaptação do indivíduo ao meio. O bebê quando vai para o colo de sua mãe ao nascer, instintivamente ele procurará o seio dela e sugara sem quem ninguém antecipe seu ato, assim como chorar quando sente fome ou dor. No entanto, o desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e termina na idade adulta, é uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para o equilíbrio superior, com um passar dos anos essa criança aprenderá a pedir comida e expressar o que está sentindo.

Essa equilibração também se dá em relação aos sentimentos das crianças, que vão aprendendo a gostar, a sentir medo, etc. Esse processo não pode ser dissociado do amadurecimento cognitivo, por isso ele precisa ser saudável. Nesse sentido, o equilíbrio dos sentimentos aumenta com a idade, em todos os níveis a inteligência procura compreender e explicar (PIAGET, 1971). Desse modo, estruturas variáveis serão formas de organização da atividade mental sob o duplo aspecto: intelectual de uma parte e afetivo de outra, com duas dimensões: social e individual.

Esse conceito de equilibração é especialmente único na visão de Piaget(1971) na medida em que representa fundamentalmente a base do processo do desenvolvimento humano. É um fato que possui, intrinsecamente, um caráter universal. Ocorre indistintamente em todos os indivíduos da espécie humana, mesmo que possua variações por motivos culturais do meio social onde vive o indivíduo. Essa lógica não se altera ao analisar diferentes crianças.

No processo de aprendizagem das crianças, a Equilibração é o ponto de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, funcionando como um mecanismo autorregulador que assegura à criança “uma interação eficiente com o meio ambiente”. De acordo com o que nos propõe Piaget (1971):

...a adaptação intelectual, como qualquer outra, é uma equilibração progressiva entre um mecanismo assimilador e uma acomodação complementar. O espírito só se pode considerar adaptado a uma realidade quando há uma acomodação perfeita, isto é, quando nada nesta realidade vem modificar os esquemas do sujeito (PIAGET,1971).

A assimilação é o processo intelectual por meio de que um indivíduo relaciona um novo dado com estruturas cognitivas já pré-existentes. Ou seja, ao ter novas experiências, a criança tenta adaptar tais estímulos a estruturas cognitivas anteriores. Esse processo é repetido constantemente durante toda a aprendizagem dos sujeitos. O pensamento, graças ao juízo, permite a inserção daquilo que é novo naquilo que já era previamente conhecido. A inteligência sensório-motora estrutura de maneira igual às coisas, somente fazendo o transporte para seus esquemas. Em ambos estes casos, a adaptação intelectual guarda um elemento de assimilação (estruturação e incorporação da informação exterior às já existentes no sujeito).

A acomodação pode explicar o desenvolvimento, de maneira qualitativa, enquanto a assimilação pode explicar o crescimento, como uma mudança quantitativa. Lado a lado, elas podem explicar a adaptação intelectual e o surgimento de estruturas cognitivas. Isto é, os processos responsáveis pelas mudanças nas estruturas cognitivas são a assimilação e a acomodação.

Se denominarmos de acomodação o resultado das pressões exercidas pelo ambiente, podemos então afirmar que adaptação é uma situação de equilíbrio entre a acomodação e a assimilação. A acomodação também pode ser confundida com o exercício do reflexo.

1.2 A inteligência e o construtivismo

Jean Piaget foi um dos primeiros estudiosos a pesquisar a formação do próprio conhecimento, ou seja, do pensamento e de suas formas de expressão, materializadas na linguagem. Seus estudos iniciaram-se com a observação de bebês. Durante muito tempo, ele observou como um recém-nascido passava do estado de não reconhecimento de sua individualidade até a adolescência, momento no qual se iniciam as operações de raciocínio mais complexas. De acordo com o autor:

As relações entre o sujeito e o seu meio consistem numa interação radical, de modo tal que a consciência não começa pelo conhecimento dos objetos nem pelo da atividade do sujeito, mas por um estado diferenciado; e é desse estado que derivam dois movimentos complementares, um de incorporação

das coisas ao sujeito, o outro de acomodação às próprias coisas. (PIAGET, 1971).

Piaget usou como base observações meticulosas e detalhadas de crianças em situações cotidianas, como a escola ou o lar, para estudar o desenvolvimento mental. Ele buscou criar hipóteses para explicar os fatos que observava e, ao longo do tempo, foi desenvolvendo meios para testá-las. Nesse sentido, ele baseou-se em duas formas de experimentos: o não verbal, para observação dos bebês; e experimentos verbais, para a observação das crianças maiores.

Para Piaget (1971), tanto o pensamento quanto a linguagem vão sendo construídos e amadurecidos no decorrer da vida da criança. Segundo sua visão, todas as crianças têm seu desenvolvimento cognitivo passando por um processo de desenvolvimento em alguns estágios, segundo seu amadurecimento. Esse desenvolvimento foi classificado da seguinte forma:

- 1º Sensório-motor (0 a 2 anos);
- 2º Pré-operatório (2 a 7 anos);
- 3º Operações concretas (7 a 11 ou 12 anos);
- 4º Operações formais (11 ou 12 anos em diante);

Na visão de Piaget, cada uma dessas etapas da vida da criança é caracterizada por formas diferentes de organização mental. Essa organização mental resulta em competências e habilidades e, conseqüentemente, comportamentos, específicos para cada idade das crianças, conforme podemos perceber a seguir:

Sensório-motor (0 a 2 anos): Ele utiliza a expressão de “passagem do caos ao cosmo” para representar seu estudo acerca da construção da realidade. Nos recém-nascidos, as funções mentais limitam-se aos reflexos inatos, tais como sucção e movimento dos olhos, suficientes para saciar suas necessidades básicas de sobrevivência.

No âmbito do desenvolvimento infantil, o toque pode auxiliar nas primeiras adaptações e no reconhecimento do seu meio. Sucessivas repetições reforçam as reações, cujos resultados tem assimilação e incorporação a situações novas e diversificadas. Logo, é a partir desse contato com o meio que as crianças passam a desenvolver-se cognitivamente.

Pré-operatório (2 a 7 anos): Para Piaget (1971), o que simboliza a marca da passagem pelo período sensório-motor em direção ao pré-operatório é o surgimento da função simbólica, que se dá concomitantemente à aquisição da linguagem. É nessa fase que as crianças começam a fazer suas representações individuais do mundo concreto.

Na concepção piagetiana, a linguagem é considerada uma condição necessária, mas não suficiente ao desenvolvimento, ou seja, o desenvolvimento da linguagem está diretamente associado ao surgimento da função simbólica, que, por sua vez, depende do desenvolvimento da inteligência. Nesse sentido, a criança passa a utilizar símbolos mentais, como imagens ou palavras, como meio para representar coisas e pessoas que não estão presentes ao mesmo tempo em que a criança realiza a criação dessas representações. Nesta fase, várias características do pensamento infantil são observadas:

Pensamento autístico: é proveniente do subconsciente, sem uma ligação direta com a questão racional; é característico do bebê, que não consegue diferenciar entre ele e sua mãe, entendida como extensão de si mesmo.

Pensamento egocêntrico: neste estágio, a criança já conseguiu se diferenciar de sua mãe e descobrir a si mesma; porém, ainda não consegue interagir com outras crianças. Ela brinca sozinha, conversa consigo mesma ou, no máximo, com um chamado "amigo imaginário". Nesta situação, ela conversa como se alguém estivesse ali, sendo que ela está sozinha. Mesmo ao lado de outras crianças, ela brinca consigo mesma, sendo mais difícil essa interação com outras crianças.

Pensamento inteligente: é consciente e interativo com o meio circundante. Durante o estágio do pensamento egocêntrico a linguagem também será egocêntrica. Quando a criança consegue superar o estágio egocêntrico, ela passa a ter uma linguagem socializada, ou seja, interage com as demais pessoas e com o meio circundante. Nessa fase, a criança desenvolve uma cultura de iguais, desenvolvendo sua inteligência a partir de sua relação com outras crianças.

Operações concretas (7 a 11 anos) Durante esse desenvolvimento simbólico, o egocentrismo intelectual e social da criança (a incapacidade de se colocar sob o ponto de vista dos outros) que caracterizava a fase anterior, cede lugar à capacidade de relacionar-se com outros sujeitos e fazer coordenações entre pontos de vista diferentes, integrando-os de modo lógico e coerente. É nessa fase que começam as operações chamadas de lógico-concretas, nas quais as respostas baseiam-se na observação do mundo e no conhecimento adquirido na vida cotidiana das crianças. É a fase de escolarização, dos primeiros textos, das operações matemáticas e de socialização das crianças.

Operações formais (11 ou 12 anos em diante): nesta etapa a criança consegue ampliar as capacidades apreendidas na etapa anterior e pode raciocinar acerca de hipóteses na medida em que é capaz de formular esquemas de conceitos abstratos e executar, através deles,

operações mentais dentro de princípios estabelecidos da lógica formal. A formalidade do pensamento é, dessa maneira, hipotético-dedutiva. Ou seja, a criança consegue fazer deduções a partir de hipóteses puras, não somente através da observação da realidade.

Segundo Piaget, antes da criança chegar aos 11 ou 12 anos de idade, Essas operações cognitivas infantis são unicamente concretas. Referem-se apenas àquilo que lhes é palpável e possível de ser manipulado. Porém, quando se pede que as crianças raciocinem sobre hipóteses simples ou enunciadas, puramente verbais dos problemas, elas logo têm dificuldades de entendimento.

2 VYGOTSKY, SUAS BASES TEÓRICAS ACERCA DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.

Lev Semenovitch Vygotsky empreendeu uma contribuição significativa à psicologia e à pedagogia, sendo um importante pensador nestas áreas e tantas outras. Sua principal contribuição foi a defesa de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais. O seu interesse pelo desenvolvimento psicológico das crianças o levou a fazer uma leitura crítica de toda produção teórica de sua época, sobretudo as ideias de Jean Piaget, fazendo críticas e dando contribuições ao seu trabalho.

Para Vygotsky (2008), a aprendizagem parte do processo de relações entre as pessoas, pois considera que as mudanças que ocorrem em cada um de nós têm sua raiz na sociedade e na cultura. A inserção da criança em um meio social é o elemento que determina suas primeiras vinculações com a linguagem e a sua interatividade com os interlocutores que os cercam. Essa mediação da linguagem acontece de forma espontânea, sendo que os resultados se apresentam não apenas pela mediação em si, refletindo no pensamento, mas também com a própria linguagem, sendo que a linguagem passa a ser alterada durante o processo de apreensão do conhecimento social. Todas as atividades cognitivas básicas individuais ocorrem relacionando-se ao seu histórico social e acabam por constituir parte integrante no desenvolvimento histórico-social de sua comunidade.

... O desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, ou seja, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança. Fundamentalmente, o desenvolvimento da lógica na criança como o demonstrou os estudos de Piaget, é função direta do seu discurso socializado. O crescimento intelectual da criança depende do seu domínio dos meios sociais de pensamento, ou seja, da linguagem. (VYGOTSKY, 2008).

Tanto com Piaget, como com Vygotsky, um entendimento das relações entre pensamento e língua é necessário para que se entenda o processo de desenvolvimento intelectual das crianças. Nesse sentido, a linguagem não pode ser entendida apenas como uma expressão do conhecimento adquirido pela criança. Existe uma inter-relação fundamental entre pensamento e linguagem, um proporcionando recursos ao outro numa interação mútua.

Desta forma, a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo. Ao contrário, o desenvolvimento do pensamento, também implica no desenvolvimento da linguagem.

A necessidade de se comunicar não surge bruscamente a partir da emissão da primeira palavra por parte da criança. Surge como modelos de comunicação ou experiências comunicativas que são elaboradas desde o início, nos primeiros dias de vida. A partir do momento que a criança descobre que tudo tem um nome, cada novo objeto que surge representa um problema que a criança resolve atribuindo-lhe um nome. Quando lhe falta a palavra para nomear este novo objeto, a criança recorre ao adulto. Esses significados básicos de palavras aprendidas irão servir como gérmen para o surgimento de novos e mais rebuscados conceitos.

2.1 Aprendizagem e desenvolvimento

Para Vygotsky, o homem se produz na linguagem e pela linguagem. Na linguagem através da interação com o coletivo, e pela linguagem através da dinamicidade inerente àquilo que está em desenvolvimento. Ao entendermos que toda relação entre o ser humano e o mundo é uma relação mediada, entendemos também que existem elementos que nos auxiliam na atividade de aquisição e de descoberta do mundo.

Partindo de tal concepção, é possível acreditar que a capacidade humana para a linguagem permite às crianças providenciar instrumentação que as auxilie na solução de tarefas complexas, que planejem soluções para problemas e que ordenem seu comportamento nas interações sociais.

Nesse contexto, a linguagem passa a ser vista como objeto histórico cultural de conhecimento ao longo da história da humanidade. Em sua trajetória histórica, o homem precisou criar um sistema de símbolos e signos para representar, registrar ou evocar ao presente o que estava ausente, permitindo-lhe, assim, separar-se da situação imediata para que pudesse viver em coletividade, comunicando-se uns com os outros, trocando informações, a fim de agir no mundo.

A ênfase no signo como elemento fundamental de construção da relação do homem com o mundo é muito recorrente em toda a teorização vygotskiana. Para ele, signos e palavras simbolizam para as crianças uma ferramenta para contato social com outras pessoas. As funções intelectuais e comunicativas da linguagem se transformam, dessa forma, em base de

uma nova maneira e superior de atividade nas crianças, o que possibilita a distinção entre os humanos e os demais animais.

Para viver em sociedade o ser humano utiliza “signos”. De acordo com Vygotsky é através do significado das palavras que linguagem e pensamento se unem, e através dessa interação surgem o pensamento verbal e a linguagem racional.

A criança aprende a verbalizar por meio da apropriação da fala do outro. Esse processo refere-se à repetição, pela criança, de fragmentos da fala do adulto ou de outras crianças, utilizados para resolver problemas em função de diferentes necessidades e contextos nos quais se encontra. (VYGOTSKY, 2001).

Ainda segundo ele, mesmo que a inteligência prática e a utilização desses signos possam realizar operações independentes em crianças pequenas, é a partir dessa unidade dialética de sistemas no adulto que é possível constituir a verdadeira substância no comportamento humano mais complexo.

Mesmo em crianças de idade escolar, o uso da função de um novo signo é antecipado por um período de aprendizado sem o qual a criança não pode dominar progressivamente toda a estrutura externa do signo. De maneira semelhante, só ao trabalhar com as palavras ela começou por conceber uma propriedade dos objetos. A criança, assim, descobre e consolida a função do signo como tal.

2.2 A teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal

Entre o saber e o aprender de uma criança existe pequeno espaço, e foi justamente observando esse momento que o filósofo Vygotsky construiu o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal. A partir das concepções descritas acima, Vygotsky (2001) construiu o conceito de zona de desenvolvimento proximal, que é a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela solução de problemas sob a orientação de um adulto, ou em colaboração com companheiros.

Para Vygotsky, as relações entre aprendizagem e desenvolvimento são indissociáveis. O fato é que esse conceito pode auxiliar o professor em suas atividades pedagógicas. Observando seus alunos ele descobrirá o nível de desenvolvimento real de cada um e poderá

fazer um trabalho dirigido, onde não necessite repetir o conhecimento já adquirido por cada uma delas.

O professor pode utilizar a parceria entre as crianças para alcançar o objetivo desejado, sempre colocando uma criança que já tem o desenvolvimento real com uma criança que possui o potencial para o devido ensinamento. Essa troca de conhecimentos é eficaz e nos remete mais uma vez à teoria defendida por Vygotsky, onde a aprendizagem se dá através da interação e troca de experiência com o meio que se vive.

O professor deve buscar desenvolver na criança o interesse em descobrir novos conhecimentos para que possa atingir seu potencial de aprendizagem, no entanto é importante observar o nível de desenvolvimento de cada criança, pois, a maturidade de cada uma é que poderá dá a resposta exata do nível de aprendizagem.

Acerca dos estágios do desenvolvimento da criança, para Vygotsky, o primeiro é chamado de real e abarca as funções mentais que já possuem pleno desenvolvimento (habilidades e conhecimentos já apreendidos pela criança). Em linhas gerais, esse nível é estimado através do que a criança realiza sozinha. O segundo nível se relaciona com o desenvolvimento potencial, de acordo com o estágio onde se encontra a criança.

O desenvolvimento real não considera o que a criança seria capaz de realizar ou conseguir sendo auxiliada por um colega ou pelo próprio professor. É justamente aí, na distância entre o que ela já conhece e o que ela poderia conhecer com alguma assistência que surge a chamada Zona de Desenvolvimento Proximal.

Zona de desenvolvimento proximal traz a ideia de que a aprendizagem deve priorizar o que o aluno pode aprender a fazer sozinho no futuro, com base no que já consegue fazer com ajuda no presente. O conceito busca, portanto, ir além do que o aluno já sabe ou aprendeu e buscar atingir aquilo que ele tem potencialidade de aprender.

Por outro lado, também não adianta trabalhar com questões que as crianças não consigam resolver com ou sem ajuda, justamente porque ainda não conseguiram o amadurecimento necessário para o estágio em que se encontram. Segundo ele, “a zona proximal de hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã”. Aquilo que, nesse momento, a criança só consegue realizar se tiver algum auxílio, posteriormente ela será capaz de realizar sozinha.

A Zona de Desenvolvimento Proximal dá ao professor a capacidade de delinear aquilo que a criança será capaz de desempenhar, assim como o seu estágio de desenvolvimento cognitivo. Sob esse prisma, tão importante quanto dar foco àquilo que a criança já foi capaz

de aprender, é se dar conta, também, partindo do seu potencial, o que a criança precisa aprender para ser capaz de alcançar o seu desenvolvimento real.

2.3 Estágios do desenvolvimento

Na teoria defendida por Vygotsky que prioriza a cooperação reconhecendo o aluno como sujeito que interage em busca da sua construção cognitiva, o social é decisivo para a aprendizagem dos sujeitos. Nesse processo de interação, Vygotsky apresenta a ideia de que o desenvolvimento do pensamento é determinado por meio dos instrumentos de linguagem do pensamento e por meio da própria experiência sociocultural da criança, onde o desenvolvimento da lógica é função direta do seu discurso socializado e seu desenvolvimento intelectual possui intrínseca dependência com o domínio dos meios sociais de pensamento, ou seja, da própria linguagem.

De acordo com Vygotsky (2001), o desenvolvimento do pensamento e da linguagem das crianças se dá em três estágios, nos quais o início é pela influência da fala social, passando pela fala egocêntrica até atingir a fala interior que para o autor se constitui no pensamento reflexivo.

A fase da fala social se desenvolve até a criança completar os seus três anos de idade. Nessa fase, a fala acompanha as ações que a criança realiza, de maneira desordenada. A criança com faixa etária por volta de 2 anos de idade, o seu pensamento torna-se verbal, por intermédio da função simbólica ela consegue expressar seu pensamento com através da linguagem. Segundo Vygotsky (2008), isso se deve ao contato da criança com o meio cultural que a cerca, destacando aqui a influência da linguagem estruturada dos adultos, dessa forma destacando a importância da cultura e do meio coletivo.

Inicialmente a fala socializada fornece a criança à possibilidade de realizar um contato social. Na medida em que essa fala vai se desenvolvendo ela passa a utiliza-la como instrumento de pensamento, buscando compreender a fala do outro e adaptando a seu pensamento. Esse processo de desenvolvimento do pensamento e fala socializada segue até que alcance fases mais avançadas da linguagem.

A fala egocêntrica ocorre a partir dos três anos até os seis anos de idade da criança. Nesse momento, a fala antecede a ação e atua como auxiliar de um plano de ação já concebido, todavia ainda não colocado em prática. Para Vygotsky (2008) a motivação exterior

e o contato com o coletivo faz surgir o pensamento e em seguida a fala interior, o significado das palavras e a fala exterior.

Segundo Vygotsky (2008) a linguagem egocêntrica não se encerra com o surgimento da linguagem socializada, ela torna-se uma linguagem interior, posto que a criança passa distanciar-se da palavra falada. A reflexão silenciosa pode equivaler à linguagem egocêntrica, surgindo no início da idade escolar e que, para ele, o destino da linguagem egocêntrica não é a expressão direta do pensamento egocêntrico, mas que ao transparecer como discurso interior pode também se assemelhar ao discurso social, já que com ela a linguagem torna-se um meio de comunicação. Ao contrário de que pensava Piaget, Vygotsky compreende o percurso da linguagem como indo do exterior para interior, do social para individual.

Na fala egocêntrica a criança fala o seu pensamento em voz alta, antecipando o que pretende fazer, apesar de expressar sua pretensão em voz alta, não é intenção dela que outros interfiram ou participe desse momento.

Vygotsky vai descobrindo e marcando as mudanças que atuam na linguagem egocêntrica em relação à investigação as ideias de Piaget, ele buscou relacionar e comparar a ideia de linguagem egocêntrica dele com suas experiências. Para ele linguagem egocêntrica não possui uma missão projetada, ela surge no momento de desenvolvimento da linguagem da criança e vai desaparecendo com o surgimento da fala social.

Após a fala egocêntrica surge a fala interior, nessa fase a criança passa a pensar nas palavras e descobre que não há necessidade de falar. Aprende a resolver problemas em sua mente. Nesse momento ela compreende o pensamento em si, descobrindo que consegue planejar e executar seus planos sem que verbalize antes.

3 APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE PIAGET E VYGOTSKY

Piaget e Vygotsky tinham um interesse comum: o conhecimento humano. Para assim, entender e explicar como e de que forma ocorrem o desenvolvimento e a aprendizagem. Por esse motivo, eles são tidos como cognitivistas. Ainda que objetivo em relação a esse tema seja comum a ambos, os conceitos e destaques dados as suas teorias em relação ao desenvolvimento possuem particularidades, tendo em si semelhanças e diferenças.

Piaget e Vygotsky, falam da transformação da realidade ocorre pela necessidade da criança. No entanto Vygotsky criou a ideia de transformação discrepante à ideia de assimilação do real de Piaget.

Para Piaget (1971) a imaginação da criança depende do seu estágio de desenvolvimento, porém, nada mais é do que uma deformação da realidade. Enquanto para Vygotsky, a criança cria e recria a partir do que já assimilou e das novas oportunidades oferecidas pelo meio circundantes.

Piaget prepondera nas dramatizações a assimilação das novas informações às estruturas cognitivas que já construiu. Neste sentido, o jogo não é determinante nas modificações das estruturas cognitivas da criança. Em contrapartida para Vygotsky, o jogo proporciona alteração de tais estruturas, uma vez que, para ele, o movimento de apreensão se dá do social para o individual. Dessa forma esses dois pensadores, vão ao longo de suas teorias se completando e esclarecendo questões relacionadas ao desenvolvimento intelectual da criança. As classificações do desenvolvimento criadas por eles têm seus pontos em comum. Enquanto Piaget classifica por fases e idade cronológica, Vygotsky as chamam de fases da fala classificando-as também pela idade cronológica. Na fase sensório-motor que desponta de 0 a 2 anos criada por Piaget, encontramos as mesmas definições contidas na fala social de Vygotsky, explicitando que sua capacidade intelectual aparece de forma inata, suficiente para suprir as necessidades básicas. Essas semelhanças tem continuidade ao logo dessa classificação, como na fase pré-operatório que surge nas crianças com idade de 3 a 7 anos que se iguala a fala egocêntrica, onde a criança utiliza a fala ainda de forma desordenada e como uma forma de socializar-se. Na fase da fala interior de Vygotsky o conceito surge de forma semelhante a fase operações formais onde a criança já consegue realizar tarefas de forma imaterial, compreendendo sua capacidade de se organizar mentalmente sem necessariamente exteriorizar.

3.1 Piaget e Vygotsky e suas contribuições à escola

A convivência e interação social da criança no seu meio social contribuem para o desenvolvimento da sua capacidade intelectual. Estas situações contribuem para ela adquirir ajustes dos princípios morais do grupo social a qual faz parte. São esses princípios morais que são exclusivamente da capacidade humana que permite uma adaptação do sujeito a uma sociedade. Essa coexistência proporcionará a transformações progressivas das funções básicas da cognição da criança.

Na teoria Piagetiana a estrutura de conhecimento se constrói durante todo o desenvolvimento do indivíduo. A condição de pensamento humano sofre alterações quando esse é exposto a um novo estímulo. O comportamento humano está diretamente ligado a suas relações externas. O convívio com pessoas e ambientes sociais age diretamente nas estruturas cognitivas. Para Piaget somos frutos do nosso meio social, apesar do desenvolvimento da inteligência humana ter uma base genética, recebemos como herança da sociedade, nossa cultura.

Se a criança conhece um objeto esférico que lhe é apresentado como uma bola, por exemplo, a partir desse momento todo objeto que tenha o mesmo formato como uma laranja, será para ela uma bola, esse processo é o de assimilação. Isso ocorre até alguém dizer para ela que se trata de uma laranja e não de uma bola, então o processo de assimilação passa para a acomodação e então chegará a equilíbrio, onde a criança compreenderá que apesar dos formatos serem iguais, trata-se de dois objetos diferentes.

Em sala, o processo de ensino/aprendizagem trabalhará constantemente com a teoria de equilíbrio, onde cada nova informação fornecida, o cognitivo da criança buscará uma forma assimilar, acomodar e finalmente equilibrar tais informações.

Para Vygotsky, o desenvolvimento da criança encontra-se diretamente ligado ao ambiente. É através do meio social que ela adquire seus conhecimentos e capacidade intelectual. Desde o seu nascimento a criança recebe estímulos que serão processados e transformados em aprendizagens, já culturalmente enraizado no grupo em que ela foi inserida. Isso quer dizer que o primeiro contato social de uma criança ocorre em sua casa, com pessoas próximas que transmitem a ela sua cultura, no entanto, é na escola que a criança começa a vivenciar novos conhecimentos socioculturais, onde crianças de várias culturas precisam conviver e aprender esses novos comportamentos.

Podemos observar em uma sala de aula a diversidade de crianças, comportamentos e ensinamentos que trazem consigo mais variados possíveis, entretanto existe uma definição da faixa etária das crianças que fazem parte de cada turma. A necessidade de separar as turmas pela faixa etária corrobora com as teorias de Piaget e Vygotsky, que em suas teorias destacam que o indivíduo passa por fases em seu processo de aprendizagem, para que a aprendizagem ocorra é necessário maturação. De acordo com a ideia de Piaget, podemos fazer uma relação entre o processo de maturação e a expressão: não é abrindo um casulo que você ajudará a lagarta virar borboleta, não adianta tentar antecipar o período de maturação de uma criança.

A sala de aula precisa ser um ambiente inclusivo, todavia respeitar as fases do desenvolvimento de uma criança é algo necessário. Isso não quer dizer que existirá uma sintonia na aprendizagem das crianças, toda turma aprenderá no mesmo período de tempo, pois, apesar das fases das crianças serem as mesmas, cada um possui seu tempo de maturação. Podemos compreender melhor analisando a teoria de Zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky, Essa zona nos mostra que o processo de ensino aprendizagem tem como prioridade o que o aluno é capaz de fazer sozinho no futuro, o que ele é capaz de fazer no presente com ajuda de terceiros.

O professor pode utilizar dessa teoria contribuindo para maior interação entre seus alunos, levando em consideração a afirmação que no nível real a criança atua sozinha na solução dos problemas, no nível potencial requer orientação de colegas ou do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica realizada abordou-se o desenvolvimento da linguagem na criança nas teorias de Piaget e Vygotsky, constatando as contribuições da linguagem na constituição do sujeito. O interesse em conhecer o desenvolvimento humano, os levou a criar teorias para melhor compreensão. Para Piaget, o desenvolvimento humano é biológico, e que para a aprendizagem acontecer será necessário que existam condições genéticas adequadas, ou seja, um processo de maturação do organismo e que a criança tem seu próprio tempo de assimilação e aprendizagem. As crianças recebem estímulos e decodificam e reelaboram as informações que lhes chegam pelos mais diferentes meios. A criança desenvolve seu raciocínio lógico mediante seu amadurecimento por isso ele classifica o desenvolvimento em fases.

A teoria de Vygotsky a aprendizagem surge do meio social, pois considera que as mudanças que ocorrem em cada um de nós têm sua raiz na sociedade e na cultura. Na sua teoria da Zona do Desenvolvimento Proximal, ele relata a existência do desenvolvimento real e do potencial, que para a criança alcançar todo potencial da sua aprendizagem é necessário a colaboração de um adulto ou até mesmo um companheiro. Ele mostra que as relações entre aprendizagem e desenvolvimento são indissociáveis e que, como Piaget, ele classifica as classificam em três estágios: fala social, passando pela fala egocêntrica até atingir a fala interior.

As teorias desenvolvidas por Piaget e Vygotsky são tão comuns no nosso cotidiano que chega a passar despercebido. Nossas escolas são divididas por séries as quais classificam criança pela faixa etária, essas crianças vão aprendendo ao longo do ano letivo o que de acordo com sua capacidade intelectual. Como sua capacidade de assimilação ela vai adquirindo novos conhecimentos na medida em que se prepara para um novo desafio na sua vida, mudando de série a cada final de ano.

As fases de desenvolvimento relatadas por Piaget e Vygotsky, analisada nesse trabalho, auxilia o professor no cumprimento de suas atividades diárias, contribuindo para que as aulas sejam planejadas e exploradas de forma que respeite a maturidade do desenvolvimento de cada crianças respeitando seu tempo de maturação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

BARDIN, L. (2006). **Análise de conteúdo (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.)**. Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).

BERTELLI, I. **Um instinto para adquirir a arte da linguagem**. Disponível em: <http://cienciaemente.blogspot.com.br/2007/12/um-instinto-para-adquirir-arte-da.html>. Acesso em 13/03/2016.

FILHO, I.A.T.V; PONCE,R;ALMEIDA.S.H.V. **As compreensões do humano para Skinner, Piaget, Vygotsky e Wallon: pequena introdução às teorias e suas implicações na escola**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000200003. Acesso em: 29/02/2016.

PENNA, ANTÔNIO G. **Introdução à psicologia da linguagem e do pensamento**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

PIAGET, J. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Coleção: Plural, n.º 10. 1971. Tradução: Maria Luísa Lima, 1986.

REGO, TERESA CRISTINA. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Editora Vozes. 2001. 12ª edição.

SUZIN, L.A.M. **A linguagem na Educação infantil**. X ANPED SUL. Florianópolis. SC. Outubro, 2014.

TEXEIRA, HÉLIO. Teoria do Desenvolvimento Cognitivo de Lev Vygotsky. Disponível em : <http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/teoria-do-desenvolvimento-cognitivo-de-lev-vygotsky/> Acesso 05 de Novembro de 2016.

TRUJILLO FERRARI, Alfonso. **Metodologia da Ciência. 3.** Ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do Pensamento e da Linguagem.** Tradução Paulo Bezerra. Martins Souza, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** Edição Ridendo Castigat Mores, 2001
Disponível em: www.ruipaz.pro.br/textos/pensamentolinguagem.pdf. Acesso em: 20 de Julho, 2016.